

FAMÍLIAS PAGAM RENDA E VIVEM NOS ESCOMBROS

◆ Solução parece não estar para breve N. 16/2/89

Abril de 1986. Uma violenta explosão provocada por um carro armado proposadamente deixado na Avenida Agostinho Neto, próximo das instalações dos Transportes Públicos do Maputo, pôs em alvoroço dezenas de famílias que naquela madrugada ainda se refaziam do desgaste físico do dia anterior, muito embora algumas já se encontrassem totalmente acordadas. A explosão, que danificou três edifícios e arrancou portas, janelas, e montras em muitas outras casas, num raio de 300 metros, determinou que grande parte dos então ocupantes dos imóveis atingidos fossem transferidos, embora provisoriamente, uns para a Matola e outros para o Bairro de Laulane.

Por exiguidade de fogos disponíveis na ocasião, 11 famílias foram mantidas no local, com a promessa de virem a ser retiradas logo que as condições estivessem criadas. A este

se viu obrigada a abandonar a sua residência na Avenida Mateus Sansão Muthemba. Segundo afirma a mãe de uma menor que ficou ferida em consequência da explosão, duran-

vagas feitas por alguns dirigentes que visitaram o local da explosão.

Nesta zona, a situação ganha grandes alaridos, pois as famílias lesadas chegaram a sentir-se abandonadas

andar a bater a esta e àquela porta de uma repartição pública tudo foram facilidades. Enquanto que para os restantes a situação é totalmente inversa e ainda por solucionar.

ALGUNS DADOS DA APIE

Num contacto estabelecido com a Direcção Distrital da APIE (DU-1) fomos informados que relativamente às famílias que habitavam as casas danificadas na Avenida Agostinho Neto, grande parte das que foram retiradas e colocadas nos bairros da Matola e Laulane são as que as respectivas casas se apresentavam em péssimas condições de habitabilidade.

Soubemos, também, que a APIE não estaria a «dormir» por cima do assunto, pois entre Setembro/Outubro houve encontros com todas as famílias abrangidas, sobretudo as que se encontram fora dos préios, tendo algumas se mostrado pouco interessadas em voltar a ocupar os mesmos imóveis depois de reparados, enquanto outras aceitavam.

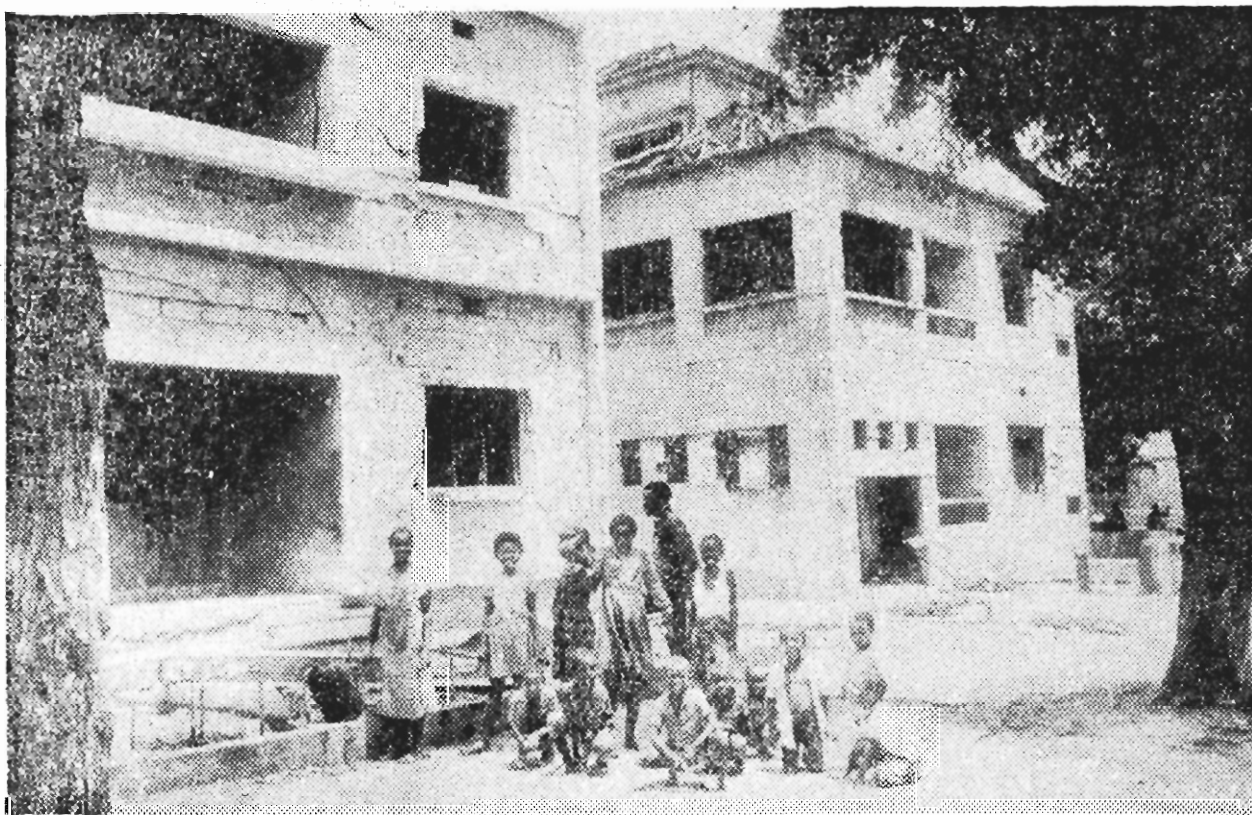
Quanto às 11 famílias que ainda restam no local, a fonte da APIE disse que algumas mostraram-se interessadas em ir para a Matola onde inclusivamente têm talhões, tendo sido solicitados a estas que apresentassem as respectivas necessidades em material de construção para que se iniciem com as obras para permitir a completa evacuação dos aludidos edifícios e posterior recuperação.

Relativamente ao imóvel da Avenida Sansão Muthemba, sabe-se que na última segunda-feira, um engenheiro da APIE esteve no local a proceder ao levantamento da situação, para se poder avaliar os custos da restauração do edifício.

No entanto, o grande dilema que neste momento se coloca, tanto para uns como para os outros, é o lugar onde se acomodarem, ainda que provisoriamente, enquanto decorrer o tempo das obras, visto que algumas estão hospedadas em casas de amigos ou familiares, vivendo em condições bastante precárias.

Mesmo a família do rés-do-chão da Sansão Muthemba, que a APIE afirma não haver necessidade de ser movimentada em virtude da «flat» não ter sido atingida, mostra-se preocupada e receosa de ali continuar a viver, porquanto teme que a qualquer momento alguns componentes dos imóveis possam desabar.

Esta é a triste realidade das 13 famílias apanhadas pelo infortúnio e cujo processo de regularização de habitação ainda vai levar tempo. Enquanto isso, vão vivendo conforme a sua sorte.



Com o perigo a espreitar constantemente algumas pessoas ainda vão se aguentando nos prédios da Avenida Agostinho Neto

número de infortunados se veio juntar agora o de outro agregado desalojado em consequência da explosão causada por fuga de gás de uma botija (segundo afirma a Polícia), ocorrida na Avenida Mateus Sansão Muthemba, em Dezembro último. Um facto que tanto este como os primeiros: todos não têm onde ir e, ao que parece, a situação está completamente esquecida e os lesados entregues à sua sorte...

As onze famílias que ainda se encontram alojadas nos apartamentos dos prédios danificados, segundo nos contaram, continuam a cumprir com as suas obrigações perante o arrendatário, convencidos de que um dia verão chegada a sua vez de se verem livres do perigo permanente que as ameaça.

As «démarches» encetadas pelos lesados junto das entidades competentes, animados pelo desejo de ver resolvido o problema das suas residências, resultaram infrutíferas e, segundo uma família contactada no local, não existe nenhuma estrutura que se mostre disposta a socorrê-los. Todas se mostram, na interpretação dos infortunados, bastante relutantes e nada indica que proximoamente o assunto possa vir a ter a devida solução.

O mesmo dilema tem a família que

te todo o período em que esteve no hospital a acompanhar a sua filha que teve que ficar de baixa, não recebeu um único apoio nem mesmo moral, de qualquer entidade ou estrutura governamental, senão promessas



Maria Alice Mabota, cuia casa, na «Sansão Muthemba», foi danificada por uma explosão

e sem ninguém que as possa acudir, uma vez sabido que os ocupantes da «flat» donde partiu a explosão foram prontamente socorridos e transferidos para as Torres Vermelhas.

SITUAÇÃO IDÉNTICA SENTIMENTO COMUM

Tanto as famílias que ainda se encontram na Avenida Agostinho Neto como a que se viu obrigada a abandonar a «flat» da Avenida Mateus Sansão Muthemba, sustentam posições e sentimentos de desespero, próprias de pessoas que viram desaparecer uma boa parte dos seus haveres e sobretudo as suas residências.

Embora aparentemente diferente dado que os primeiros caíram na pobreza vítimas de um atentado bombista perpetrado por agentes do inimigo, enquanto que os segundos foram — no devido, à fuga de gás de uma botija que posteriormente provocou a explosão, todas as vítimas comungam o mesmo sentimento — sentem-se desprotegidas e sem verem-no devido à fuga de gás de mentares direitos consagrados na lei fundamental do País.

A sensibilidade dos inquilinos vem à flor da pele quando sustentam que para algumas pessoas houve solução imediata, embora que provisória, apesar de não terem tido necessidade de